

Terena diz que jogos fazem grande integração entre as tribos

Integrar as etnias indígenas. Este é o principal objetivo dos jogos dos povos indígenas, segundo o coordenador-geral de jogos da Funai e um dos idealizadores do evento, Carlos Justino Terena, que em entrevista ao CORREIO DO TOCANTINS fez um balanço geral do evento e de sua importância no processo cultural dos povos indígenas. De acordo com ele, as competições são diferentes de qualquer evento que já se fez no Brasil e talvez no mundo, pela junção de povos tradicionais e originais que se encontram para competir, mas não para conhecer os melhores, e sim para fazer uma festa.

Outro fator positivo dos jogos, frisa Terena, é que eles mostram à sociedade, que ao contrário do que é sempre divulgado na mídia, como recentemente ocorreu no Pará (quando os índios fizeram pescadores de reféns), os nativos não são radicais e nem vivem só de lutas, eles também têm seus momentos de felicidade, quando cantam, brincam e se divertem.

Essa terceira edição dos Jogos dos Povos Indígenas, que tem como palco a praia do Tucunaré, em Marabá, será diferente das outras, explica Carlos Terena, porque um número maior de etnias terão a oportunidade de se conhecer, como é o caso das do Pará, já que na segunda edição do evento, apenas a tribo Kaiapó, de Redenção, participou. "Será uma verdadeira confraternização. São povos com costumes, hábitos e linguagem diferentes, que estarão frente a frente se integrando através do esporte", ressalta Terena, salientando que essa integração também se estende a raça chamada de branca, que na realidade deveria se chamar raça brasileira. "Tenho conversado muito com as tribos e preparado o espírito deles para essa grande confraternização", diz ele.

Para Terena, a importância desse intercâmbio entre as nações indígenas e a sociedade branca é a exposição de uma cultura a outra. "Você não pode gostar de

uma coisa que não conhece. A partir do momento que conhece aquele povo, aquela comunidade e a cultura que ele cultiva você passa a respeitá-la. Aliás, há um provérbio que diz, que se você quer conhecer verdadeiramente um povo, conheça primeiro a cultura dele", lembra Carlos Terena, frisando que é exatamente esse o objetivo dos jogos.

Com relação ao futuro da competição, Terena diz que ainda está numa fase de laboratório, já que nunca na história se investiu em atividades de lazer para os índios. "Nunca colocaram os índios para brincar e sim para brigar", desabafa, lembrando que os nativos têm problemas, assim como os chamados civilizados, mas só que eles agem de forma diferente e os jogos também são um momento de reflexão para tudo isso.

Terena ressalta que existem várias cidades que já entraram em contato com ele interessadas em sediar os próximos jogos. No entanto, ele afirma que provavelmente no ano que vem não haverá a quarta edição, porque eles querem fazer uma pausa e só voltar a realizá-los daqui há dois anos.

Ele lembra que os índios brasileiros já foram procurados para participar em 2003 dos primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, na Grécia. No entanto, Terena diz que lá será realmente uma olimpíada, com competições entre as nações.

Por sinal, destaca Terena, num futuro próximo a intenção é preparar o índio para competir de igual para igual com os atletas brancos, porque eles são altamente competitivos. "Um exemplo de que os nativos são exímios atletas é mostrado pela corredora australiana Kathy Freeman, que é aborígene, e é uma das melhores do mundo", lembra Terena, ressaltando que para que isso ocorra no Brasil basta apenas dar condições ao índio brasileiro.

Ele destaca, por exemplo, que existem tribos, como é o caso dos Erikbatsa e Terena, que são excelentes nadadores e remado-

res; os Carajás, ases na corrida; e os Xavantes, que possuem uma musculatura muito forte, mostrando isso na corrida de toras.

Como o objetivo de trabalhar o desenvolvimento desses atletas para competições em torneios normais, Terena diz que assim que terminar os jogos ele vai procurar contatar dirigentes de esportes em todas as modalidades e expor o potencial dos nativos, ressaltando também que há grandes futebolistas indígenas que nunca tiveram chances de desenvolver suas habilidades esportivas em clubes nacionais.

"Nós temos uma capacidade muito grande e tenho documentos comprobatórios, feito pela USP, que provam que o índio tem muito mais preparo físico fazendo suas atividades normais em sua aldeia, do que o Time do Santos, que tem todos os cuidados físicos e alimentares", salienta ele, acrescentando que um especialista em esportes, na França, destacou, em uma entrevista, que a grande saída para o esporte brasileiro em termos de medalha em competições internacionais, estava com os índios. "Quando vejo os nativos de outros países ganhando medalha em competições internacionais, lamento que os dirigentes esportivos do nosso País não dêem essa chance aos nossos índios", lamenta Terena.

Terena prefere não definir etnias por Estados. Segundo ele, os índios preferem que digam que eles pertencem a tribos. Inclusive, destaca que vem um índio do Peru, que deve tocar o Hino Nacional em uma flauta de madeira na abertura dos jogos. "Para nós ele não é peruano, é um índio", afirma, ressaltando que espera que as pessoas entendam que não é uma manifestação folclórica e sim a apresentação de culturas milenares, assim também como não é um ato separatista, mas uma integração de culturas, já que também haverá apresentação de manifestações culturais da região, como o carimbó, por exemplo. (Tina Santos)